

LEANDRO GOMES DE BARROS

JUVENAL E O DRAGÃO



Leandro Gomes de Barros

O rei da poesia do Sertão

Leandro Gomes de Barros nasceu em Pombal, Paraíba, a 19 de novembro de 1865, e faleceu em Recife, no dia 4 de março de 1918.

Muitos citam Leandro como o primeiro poeta a publicar estórias versadas no Brasil, por volta de 1889, quando já residia em Recife. É considerado o maior poeta popular brasileiro. Carlos Drummond de Andrade, outro grande poeta brasileiro, chegou a chamá-lo de "o rei da poesia do Sertão".

Em artigo publicado no Jornal do Brasil, em setembro de 1976, Drummond assim escreveu: "Em 1913, certamente mal informados, 39 escritores, num total de 173, elegeram por maioria relativa Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado a má informação porque o título, a ser conhecido, só podia caber a Leandro Gomes de Barros, nome desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida pela revista Fon-Fon!, mas vastamente popular no Norte do país, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor do Ouvir Estrelas".

"continua na segunda contracapa"

JUVENAL E O DRAGÃO

Quem ler esta história toda
Do jeito que foi passada
Vê logo que o falso e vil
Nunca nos serve de nada
Que a honra e fidelidade
Sempre foi recompensada.

Habitava um camponês
No subúrbio dum reinado
Já fazia sete anos
Que ele tinha enviuvado
Só ficou com dois filhinhos
No que mais tinha cuidado.

O velho adoeceu muito
Conhecendo que morria
Um casebre e três carneiros
Só era o que possuía
Deu como herança aos filhos
E morreu no outro dia.

Ficaram ambos sozinhos
Uma moça e um rapaz
Disse ela ao irmão:
- A partilha você faz
Fica lá com os carneiros
Que no valor são iguais.

Ficou ela na choupana
Cumprindo a sina fatal
O seu nome era Sofia
O dele era Juvenal
Que pensava em aventuras
Atrás do bem ou do mal.

Juvenal disse à irmã:
- Não posso mais ter demora
Vá viver com seu padrinho
Eu amanhã vou embora
Junto com meus três carneiros
Por este mundão afora.

Quando foi no outro dia
Limpou dos bichos a lã
Muniu-se do necessário
Despediu-se da irmã
Seguiu com os três carneiros
Às seis horas da manhã.

Quando bateu meio-dia
Ele estava descansando
Na sombra de um arvoredó
Os três carneiros pastando
Viu que um sujeito estranho
Perto dele ia chegando.

Aquele sujeito estranho
Tinha saído bem cedo
Caçando com três cachorros
No penhasco dum rochedo
Foi descansar nesse dia
Naquele mesmo arvoredó.

Chegando ao arvoredado
Foi dizendo: - Oh! Meu rapaz
São seus aqueles carneiros
Que eu vi ali atrás?
Quer trocar por meus cachorros?
Veja que negócio faz!

Juvenal lhe respondeu:
- Nós não podemos trocar
Os meus carneiros no mato
Procuram se alimentar
Ao passo que seus cachorros
É preciso eu sustentar.

Lhe disse o desconhecido:
- Nenhum dos três é ruim
Na hora que estou com fome
Só basta dizer assim:
Rompe-Ferro mãos à obra
Traz pra ele e para mim.

Cada um destes cachorros
É um grande defensor
Se acabam, morrem lutando
Em defesa do senhor
São chamados: "Rompe-Ferro"
"Ventania" e "Provedor".

Juvenal pensou um pouco
De ficar sem os carneiros
Mas lembrou-se que os cães
São amigos verdadeiros
Lhe disse: - Está feita a troca
Fique com meus companheiros.

Dizia o rapaz consigo:
Na troca não fiz vantagem
Andar com estes três cães
Precisa muita coragem,
Às duas horas da tarde
Seguiu a sua viagem.

Mais tarde chegou-lhe a fome
Não tinha onde comprar
Fez como o sujeito disse
No momento de trocar
"Rompe-Ferro" mãos à obra
E o cachorro foi buscar.

Toda ordem que ele dava
O cachorro obedecia
Mandou ele às cinco horas
Antes que findasse o dia
Trouxe-lhe uma linda cesta
Cheia de comedoria.

Juvenal pegou a cesta
Quando acabou de jantar
Deu ela aos cães dizendo
Comam até se fartar
Eu com três amigos destes
Não temo de viajar.

Quando os três cães acabaram
Davam pulos de alegria
Um corria atrás do outro
Em tresloucada folia
Fazendo festas ao moço
Que satisfeito sorria.

Juvenal seguiu viagem
Cada vez mais animado
Naquela zona esquisita
Com seus cachorros ao lado
Foi dormir no outro dia
Nas terras de outro reinado.

Já fazia um mês e tanto
Que ele andava de viagem
No pé de uma grande serra
Avistou uma carruagem,
Até para os dois cavalos
Era difícil a passagem.

Ele vendo a carruagem
Foi logo se aproximando
Viu dentro uma linda moça
Vinha de longe chorando
O cocheiro muito triste
Suspirava vez em quando.

Juvenal viu a princesa
Em pranto sem se calar
Dirigiu-se ao cocheiro:
- Desculpe eu lhe perguntar
Que vem ver uma princesa
Nas brenhas deste lugar?

Quase sem poder talar
O cocheiro respondeu:
- A princesa está chorando
O culpado não foi eu
Dê licença, eu vou contar
O caso como se deu.

Daqui a cinqüenta léguas
Existe um grande reinado
Que passou mais de cem anos
Sendo o povo devorado
Por um monstro horrendo e feio
Misterioso e malvado.

É impossível contar;
A força que a fera tinha
Não respeitava princesa
Duque, nem rei, nem rainha
Devorou toda polícia
O exército e a marinha.

O povo todo alarmado
Morrendo sem remissão
Pra toda parte que ia
Não achava proteção
O rei não tinha recurso
Pra remir sua nação.

O rei já muito nervoso
Só esperava morrer
Um dia estava dormindo
Ouviu uma voz dizer:
Vou te propor um negócio,
Responda se quer fazer.

Eu sou a tirana fera
Que venho me despedir
Pretendo dar-lhe um descanso
E deixar de perseguir
Se o senhor me prometer
Fazer o que vou pedir.

Se aceitar o negócio
Desde já fique avisado
Pra me mandar todo ano
Num lugar determinado
Uma das moças bonitas
Que tiver no seu reinado.

Eu só faço este negócio
Pra cessar a mortandade
Se o senhor não cumprir
E usar da falsidade
Eu venho de lá da fuma
Devorar toda cidade.

Diante dessa ameaça
O rei ficou sem ação
Como ele enfrentaria
Tão grave situação?
O jeito era dar apoio
Às propostas do Dragão.

Então o rei sujeitou-se
A todo ano mandar
Uma das moças bonitas
Que tivesse no lugar
Daqui vai ela pra fuma
Para a fera devorar.

É este o motivo justo
Da nossa grande tristeza
Pra aqui já tenho trazido
Muitas filhas da pobreza
Mas hoje tocou por sorte
A esta infeliz princesa.

Juvenal ficou imóvel
Vendo a triste narração
Perguntou logo ao cocheiro:
- Onde habita esse Dragão?
- Numa fuma dessa serra
E apontou-a com a mão.

Juvenal disse ao cocheiro:
- Vou fazer uma loucura:
Ando percorrendo terras
Em busca duma aventura
Não vou deixar essa fera
Comer esta criatura.

Não digo por gabolice
Nunca temi inimigo
Eu junto com meus três cães
Só Deus poderá comigo
Enfrento um cento de feras
Não digo que vi perigo.

Disse o cocheiro a princesa:
- Acho bom se apear
As que vem parar aqui
Vão a ele se entregar
Se vossa alteza não for
O monstro vem lhe buscar.

Ela aí desceu do carro
Trespasada de tristeza
Juvenal com muita pena
Dessa morte sem defesa
Chamou os seus três cachorros
Acompanhou a princesa.

O cocheiro como estava
Quase morto de pavor
Gritou para Juvenal:
- Aonde vai meu senhor?
Volte daí, não prossiga,
Que o monstro é devorador.

Juvenal nem deu ouvidos
Ao que ele estava dizendo
Porém de repente ouviu
A montanha estremecendo
Conheceu no mesmo instante
Que a fera vinha descendo.

Ia a princesa na frente
Juvenal mais atrasado!
Quando a fera viu a moça
Deu um urro agigantado
Até os três cães ficaram
De cabelo arrepiado.

Aí a fera avançou
Para agarrar a princesa
Juvenal tomou a frente
Porém não mostrou fraqueza
Depois gritou "Rompe-Ferro"
Preciso tua defesa.

Quando "Rompe-Ferro" ouviu
O jeito do seu senhor
Que tinha enfrentado a fera
Sem ter medo nem pavor
Partiu pra cima do monstro
Como um raio abrasador.

O moço era destemido
Com seu cachorro valente
Eles dois incorporados
Lutando com a serpente
Juvenal no ferro frio
E o cão fiel pelo dente.

Era um monstro sem feitio
De um corpo descomunal
Todo coberto de escamas
Mais duro do que metal
Tudo era mole na ponta
Do ferro de Juvenal

Vendo a moça aquele embrulho
Pender pra o fundo da gruta
Dando cada rabichadas
Com uma força absoluta
Vendo a hora que o rapaz
Também morresse na luta.

Ajoelhou-se por terra
Implorando ao Criador:
"Valei-me Pai Poderoso
Livrai-me deste terror
Salvai também esse moço
Do Dragão devorador".

"Também prometo Senhor
Meu pranto não é fingido
Se nessa luta sangrenta
O jovem não for vencido
Quando voltar ao meu reino
Farei dele meu marido".

E lá no fundo da gruta
A luta era tenebrosa
A serpente dava urros
E rabichada raivosa
Fazendo tremer a terra
Naquela gruta rochosa.

Esse monstro possuía
No grande corpo um lugar
Debaixo da asa esquerda
Que quem pudesse acertar
Com um pequeno ferimento
Era capaz de matar.

"Rompe-Ferro" experiente
Nesse lugar farejou
Debaixo da asa esquerda
De repente mergulhou
No lugar mais perigoso
O cachorro abocanhou.

Viu-se logo a diferença
Quando o cachorro mordeu
O monstro deu um esturro
Que toda serra tremeu
Na segunda abocanhada
A serpente esmoreceu.

Assim que Juvenal viu
A fera desanimar
Sentou-se pra outro lado
Dizendo vou descansar
E deu ordem a "Rompe-Ferro"
Para acabar de matar.

Disse o rapaz, para que
Ninguém duvide da história
Que briguei com esse monstro
E na luta alcancei vitória
Tiro dois dentes da fera
Para servir de memória.

Quando a moça se viu livre
Daquele horrendo animal
Foi ajoelhar-se chorando
Diante de Juvenal
Pedindo pra acompanhá-la
Até à corte real.

- Exijo que vá comigo
Para meu pai conhecer
Esse moço destemido
Que me salvou de morrer
Mesmo pra recompensá-lo
Da forma que merecer.

Terás lá no meu reinado
Teu nome reconhecido
Por todos da minha corte
Serás muito recebido
O mundo terá ciência
Do teu valor merecido.

Tu salvaste minha vida
Enfrentando esse Dragão
Como também te arriscando
Salvaste minha nação
Portanto aqui te entrego
Alma, vida e coração.

Disse ele: - Eu nada quero
Do benefício que fiz
Desejo que sua alteza
Siga em paz, seja feliz,
Vou vê-la de hoje a três anos
Na capital do país.

O cocheiro não pensava
O moço a fera matar
Ele que estava de longe
Ouvindo a serra zoar
Quase morria de medo
Nem se moveu do lugar.

Juvenal que tinha pressa
Não podia ter demora
Disse à princesa: - Desculpe
Eu não ir com a senhora
Botou-a na carruagem
Despediu-se e foi embora.

A imagem do rapaz
Gravou-se divinamente
Ante os olhos da princesa
Tão casta, linda, inocente
E uma paixão sublime
Germinou rapidamente.

Juvenal nunca pensou
Que a sua protegida
Fosse cair novamente
Nas mãos de fera homicida
Que o tal cocheiro imundo
Quisesse tirar-lhe a vida.

O cocheiro que a seguia
Adiante lhe perguntou:
- Vossa alteza pagou bem
Aquele que lhe salvou?
Disse ela: - Eu quis pagar-lhe
Mas ele não aceitou.

Com olhos de traidor
Lhe respondeu o cocheiro:
- Aquele que lhe salvou
É um grande aventureiro
Anda vagando no mundo
Não precisa de dinheiro.

Se vossa alteza quiser
Com muita facilidade
Pode fazer num momento
A minha felicidade
Dizer que matei a fera
Quando chegar na cidade.

A senhora nada perde
Me fazendo este favor
Pois aquele aventureiro
É bruto não tem valor
Vossa alteza perde tempo
Se for dedicar-lhe amor.

Disse a princesa ao cocheiro:
- Eu não sou desconhecida
Não vou contar uma história
Que não foi acontecida
Tornar-me uma traidora
Pra quem salvou minha vida.

Nem permito que um Judas
Covarde, vil, descabido
Insulte desta maneira
Um moço tão destemido
Que não sendo Deus e ele
Agora eu tinha morrido.

Passavam sobre uma ponte
O cocheiro disse assim:
- O fulano não precisa
Arrume a grana pra mim
Se a senhora não ceder
Aqui mesmo dou-lhe fim.

Lhe atiro da ponte abaixo
O Diabo tem de a levar
Quando eu chegar na corte
Se alguém me perguntar
Eu digo a fera comeu-a
Ninguém vai mais procurar.

Aquela infeliz princesa
Conhecendo que morria
Jurou perante o cocheiro
Fazer como ele queria
E aquele horrendo segredo
Por ela ninguém sabia.

- Eu juro perante Deus
Que negarei a verdade
Quando chegar lá na corte
Farei a vossa vontade
Digo que mataste a fera
Que devorava a cidade.

O cocheiro olhou pra ela
Riu-se de satisfação
- Agora sim, princezinha
Sou um grande cidadão
Serei perante o monarca
O grande herói da nação.

Quando chegaram na corte
A cidade estremeceu
Dizia o povo em delírio
A princesa não morreu
O cocheiro trouxe ela
A fera não a comeu.

Quando o rei viu a princesa
Quase morre de alegria
Aí contaram a história
Como o cocheiro queria
Disse o rei és um fidalgo
Da alta aristocracia.

Disse o cocheiro ao monarca:
- Dê-me licença narrar,
Quando chegamos à furna
Que fiz o carro parar
Eu disse para a princesa
Acho bom se apear.

Ela aí desceu do carro
Trespassada de tristeza
Eu fiquei com muita pena
Dessa morte sem defesa
Saquei pelo meu punhal
E acompanhei a princesa.

A princesa como estava
Quase morta de pavor
Me disse: - Deixe-me só
Volte à corte por favor
Volte daqui, não prossiga,
O monstro é devorador.

Eu aí não dei ouvidos
Ao que ela foi dizendo
Porém de repente ouvi
A montanha estremecendo
Conheci no mesmo instante
Que a fera vinha descendo.

la a princesa na frente
Eu ia mais atrasado
Quando a fera viu a moça
Deu um urro agigantado
Confesso que até fiquei
De cabelo arrepiado.

Más uma coisa dizia
Não deixe a moça morrer
Se salvares a princesa
Muito feliz hás de ser
Portanto enfrente o perigo
Repare o que vai fazer.

Aí a fera avançou
Para agarrar a princesa
Ligeiro tomei a frente
Porém não mostrei fraqueza
Nunca pensei, majestade,
Possuir tanta destreza.

Era um monstro sem feitio
De um corpo descomunal
Todo coberto de escamas
Mais duro do que metal
Porém tudo ficou mole
Na ponta do meu punhal.

Dei-lhe uma punhalada
Que até seu corpo rangeu
A fera deu um esturro
Que toda serra tremeu
Na segunda punhalada
A serpente esmoreceu.

Acabei de lhe matar
Como quem não fez vantagem
Botei a linda princesa
Sem forças na carruagem
Deixei a fera estendida
Voltei então da viagem.

O Povo todo deu crença
Ao que o cocheiro dizia
O rei disse: - És um herói
Mostraste ter valentia
Vou promover-te a fidalgo
Da alta aristocracia.

Apertou ele nos braços
Cheio de contentamento
Falou: - Minha filha vive
Pelo teu merecimento
Como não posso pagar-te
Dou-te ela em casamento.

A princesa quando ouviu
Falar em tal casamento
Mudou de cor de repente
Quase dá-lhe um passamento
Ah! Meu Deus dizia ela:
Pra que fiz tal juramento?

E correndo pra seu quarto
Num pranto descomedido
Exclamava: Meu bom Pai!
Oh! Quanto tenho sofrido
Mandai Juvenal meu Deus
Coitado ele foi traído.

Pelo ódio e ambição
De um imundo cocheiro
Vou perder o meu amado
O meu herói verdadeiro
Dá-lhe um aviso meu Pai
Deste plano traiçoeiro.

Ah! Se eu pudesse agora
Contar tudo a majestade
Dizer que esse cocheiro
Não quer contar a verdade
Mas devido a minha jura
Perdi a felicidade.

Leitor deixemos aqui
Fechada em seu aposento
A bela e meiga princesa
Lamentando o seu tormento
E vamos ver Juvenal
Onde está neste momento.

Depois de salvar a moça
O belo moço seguiu
Em busca doutra aventura
A viagem prosseguiu
Junto com os três cachorros
Em outro reino dormiu.

Naquela noite sonhou
Que estava num reinado
Em uma linda manhã
O castelo engalanado
De rosas e finas flores
Era o solo atapetado.

Um perfume inebriante
Recendia no espaço
Belas damas sorridentes
Tinha ele em cada braço
Vestindo finas fazendas
E faces de fino traço.

Num lindo trono de ouro
Se via linda princesa
Trajando um vestido branco
De fulgurante beleza
Trazendo véu e capela
Deslumbrante na riqueza.

Nisto chega a majestade
O bispo e um escrivão
Disseram então para ele
Se apresse cidadão
Pra receber da princesa
Sua nobre e santa mão.

Nesse ínterim entra um homem
De semblante aborrecido
Que disse: - Parem com isso
Esse moço é um bandido
Quer desfrutar uma glória
Sem a ter adquirido.

Juvenal mesmo em sonho
Fez uso de seu punhal
Seu inimigo também
Puxou da cinta um metal
Travou-se uma luta horrenda
Sangrenta, cruel, brutal.

No fim da luta ele viu
As flores todas pisadas
As damas por sobre o solo
Se sentindo desmaiadas
Ele preso na parede
Sobre lanças e espadas.

Seu inimigo sorrindo
De braço com a princesa
O povo lhe dando vaias
Ele preso sem defesa
Nisto o rapaz acordou-se
Assustado com certeza.

Juvenal ficou pensando
Nesse sonho aborrecido
E disse consigo mesmo:
Que terá acontecido?!
A princesa que salvei
Talvez tenha me traído.

Mas depois disse consigo:
Não vou temer traição
Sei mesmo que a princesa
Me ama de coração
Saberei toda verdade
Ao regressar à nação.

E se algum atrevido
Um covarde ou traidor
Tiver forçado a princesa
A recusar meu amor
Nesse dia fico louco
Bebo o sangue do impostor.

Confiado na princesa
No punhal e no Divino
Juvenal seguiu viagem
Sempre como peregrino
Com seus cachorros de um lado
Protegendo seu destino.

E assim passou um ano
E Juvenal prosseguia
Sua vida aventureira
Pensando voltar um dia
Pois ele disse à princesa
Com três anos voltaria.

Deixemos ele um instante
Para voltar ao reinado
Onde o cocheiro covarde
Viu seu plano coroadado
Era agora herói do rei
Só faltava ter casado.

A princesa em casamento
Não queria ouvir falar
O rei projetou um ano
Para se realizar
No tempo ela adoeceu
Somente pra não casar.

Foi uma doença séria
Acompanhada de dor
Mas tudo isso arranjado
Por conhecido doutor
Bem pago pela princesa
Filha do imperador.

O cocheiro aperreado
Sempre junto a majestade
Pedia para apressar
Esse laço de amizade
Temendo que com mais tempo
Se descobrisse a verdade.

O comentário na rua
Era bem desconstruído
Um dizia que o cocheiro
De fato tinha lutado
Com a fera desumana
Que devorava o reinado.

Outro porém respondia
Que era combinação
O rei não queria dar
A filha para o Dragão
E mais tarde quem pagava
Eram os filhos da nação.

Paremos aqui leitor
Deixemos isso pra frente
Vamos saber como passa
A princesinha doente
Seu paj estava ficando
Severo e muito exigente.

Assim passou mais dois anos
Com mais um fazia três
Disse o rei à sua filha:
- Hás de casar este mês
Eu garanti a seu noivo
Pra não passar desta vez.

A moça mais uma vez
Lembrou-se de Juvenal
Exclamou: Tudo acabou-se
Minha sina foi fatal
Vou casar-me com um monstro
Traidor como um chacal.

Faltavam apenas dois dias
Para o grande casamento
O castelo em reboliço
Era grande o movimento
Enfeites, bolos, comidas
Tudo estava em andamento

Na véspera do casamento
Viu-se entrar um viajante
Levando mais três cachorros
Dum tamanho extravagante
Era Juvenal que vinha
Em busca de sua amante.

Juvenal ouviu dizendo:
Por uma felicidade
Casa hoje um grande herói
Com a filha da majestade
Porque matou o Dragão
Que devorava a cidade.

Juvenal cego de raiva
Na mesma hora rompeu:
- Esse homem é mentiroso
Sem ver o monstro correu
O monstro de quem se fala
Quem matou ele foi eu!

Mas aguarda ouvindo a fala
Daquele nobre senhor
Decretou logo: - Está preso
Infame conspirador,
Maltratando em praça pública
O genro do imperador?

Juvenal pulou pra trás
E bateu palma à seu cão
Partiu pra eles dizendo
Sou filho de outra nação
Ainda vindo o exército
Não me entrego à prisão.

Aí travou-se uma luta
Os cães entraram no meio
Em menos de meia hora
Era um estandarte feio
Que o rei lá do palácio
Escutou o tiroteio.

Foram dar parte ao rei
Da grande calamidade
Dizendo: - Aí tem um moço
Que hoje entrou na cidade
Tem morto tanto soldado
Que é uma barbaridade.

Ele conduz três cachorros
São três panteras iguais
O homem briga por dez
Pula mais que Satanás
Da sua espada sai fogo
Como os tachos infernais.

O noivo com a notícia
Doeu-lhe no pensamento
Disse o rei aos convidados:
- Demorem aí um momento
Esperem a minha chegada
Pra fazer o casamento.

O rei chegou foi entrando
No meio da multidão
Gritou: - Está garantido
Quem fez a revolução
Quero saber como foi
O princípio da questão.

Com a chegada do rei
O povo todo acalmou
Juvenal com seus três cães
Um arranhão não levou
Chegou pra perto do rei
Por esta forma falou:

- Sua alteza vá sabendo
Nunca fui homem malvado
Pretendo contar-lhe tudo
Da forma que foi passado
Mas quero que minha história
Seja ouvida no reinado.

Dali mesmo o rei levou
Juvenal para o salão
Pra contar de que maneira
Principiou a questão
Quando o moço entrou na sala
Tudo mudou de feição.

A moça ao ver o amante
Chorou de tanta alegria
Por saber que todo falso
Ele agora descobria
E finalmente depois
Com ele se casaria.

Mas quando o cocheiro viu
Aquele recém chegado
Conheceu logo os cachorros
Ficou da cor de um finado
E disse consigo mesmo
Agora estou desgraçado.

Falou Juvenal ao rei:
- Me disseram sem maldade
Hoje casa um grande herói
Com a filha da majestade
Porque matou o Dragão
Que devorava a cidade.

Eu fiquei cego de raiva
Porque isso não se deu
E disse: - Ele é mentiroso
Sem ver o monstro correu
O Dragão de que se fala
Quem matou ele foi eu!

Aí os soldados todos
Me deram voz de prisão
Eu gritei por meus cachorros
E fiquei de prontidão
Por este grande motivo
Principiou a questão.

Lutei pelo meu direito
Como qualquer um lutava
Me acabavam lutando
Mas eu não me entregava
O céu virava fumaça
A terra se desmanchava.

Estou contando a história
Que a condição me obrigou
A fera de que se fala
Foi este homem que matou
A princesa é testemunha
De tudo que se passou.

O rei chamou a princesa
Pra contar o que sabia
Ela prontamente veio
Trespasada de alegria
Desabafar essa mágoa
Que há três anos sofria.

Ela aí continuou
Para todo mundo ver:
- Meu pai está perguntando
Porque deseja saber,
Sim senhor, foi esse homem
Quem me salvou de morrer.

Quando eu fiquei no bosque
Onde o cocheiro deixou
Que ia subindo a serra
Esse homem me acompanhou
Foi lutar com o Dragão
Eu vi como ele o matou.

Quando ele matou o monstro
Nessa mesma ocasião
Arrancou dois grandes dentes
Julgando ter precisão
Se não perdeu inda tem
Os dois dentes do Dragão.

Depois o moço levou-me
Botou-me na carruagem
Muito decente e modesto
Como quem não fez vantagem
Ali apertou-me a mão
E seguiu sua viagem.

Agora o cocheiro sim
Fez verdadeira traição
Ele pensava, meu pai,
Que não tinha punição
Mas vou contar a miúdo
Toda sua traição.

Quando ele saiu comigo
Adiante me perguntou:
Vossa alteza pagou bem
Aquele que lhe salvou?
Eu lhe disse fui pagar
Mas ele não aceitou.

Disse ele sendo assim
Me dê vossa proteção
Dizendo em casa a seu pai
Que eu matei o Dragão
Todo mundo lhe acredita
Ninguém lhe dirá que não.

Então eu disse pra ele:
Nunca fui desconhecida
Não vou contar uma história
Que não foi acontecida
Usando da falsidade
Pra quem salvou minha vida.

Nem permito que um Judas
Covarde, vil, descabido
Insulte desta maneira
Um homem tão decidido
Que não sendo Deus e ele
Agora eu tinha morrido.

Íamos perto da ponte
Quando ele disse assim:
Abra os seus olhos princesa
Arranje a grana pra mim
Se a senhora negar isto
Aqui mesmo dou-lhe fim

Lhe atiro da ponte abaixo
O Diabo tem de a levar
Quando eu chegar na corte
Que alguém me perguntar
Eu digo, a fera comeu-a,
Ninguém mais vai procurar.

Eu que me achava sozinha
Conhecendo que morria
Jurei perante o cocheiro
Fazer como ele queria
Jurando mais que o segredo
Por mim ninguém saberia.

E foi assim meu bom pai
Que pude me defender
De ser lançada da ponte,
Afogar-me e falecer
Mas, Deus, protetor dos fracos,
Fez a verdade vencer.

Aí descobriu-se tudo
O rei ficou se mordendo
Disse ali mesmo ao cocheiro:
- Você vai morrer sabendo
Mandou por quatro carrascos
Tirar-lhe o couro ele vendo.

Casou-se a linda princesa
Com o herói Juvenal
Repercutiu a notícia
Por toda posse real
Rolou festa quinze dias
No palácio imperial.

Juvenal no outro dia
Às seis horas da manhã
Mandou um grande cortejo
Buscar sua linda irmã
Aquela menina esbelta
Das faces cor de romã.

Quando os cães viram a menina
Ficaram de prontidão
E disseram a Juvenal:
- Findou a nossa missão
Testamos ver se a riqueza
Mudava teu coração.

Os cães eram encantados
Não podiam ter demora
Transformaram-se em três pássaros
Alvos da cor da aurora
Disseram: - Adeus Juvenal!
Voaram, foram-se embora.

LEMBRETE

Pela importância da obra de Leandro Gomes de Barros a Paraíba continua devendo um MEMORIAL AO POETA POPULAR NORDESTINO

Leandro Gomes de Barros

O rei da poesia do Sertão

Leandro casou-se com Venustiana Eulália, tendo numerosa prole que era sustentada com o produto da venda de seus folhetos.

O pesquisador Luis da Câmara Cascudo confirma: "Conheci o velho Leandro Gomes de Barros. Viveu, com família e decência, exclusivamente de escrever versos, imprimi-los e vendê-los às dezenas de milhares. Tudo quanto escrevia era imediatamente lido pelo povo.

É autor de folhetos sem ocaso na predileção sertaneja e agresteira".

Sua produção total é estimada em aproximadamente mil títulos.

Eis alguns folhetos de autoria de Leandro Gomes de Barros: Cântico de Fogo, Alonso e Marina, Rosa e Lino de Alencar, Boi Misterioso, Sofrimentos de Alzira, Filha do Pescador, João da Cruz, Órfã Abandonada, Índia Neci, O Príncipe e a Fada, Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, Branca de Neve e o Soldado Guerreiro, O Cachorro dos Mortos, Os Martírios de Genoveva e História da Princesa da Pedra Fina.

Tabua[®] de Carne RESTAURANTE

Quem conhece volta!

Av. Manoel Tavares, 1040 - Alto Branco

Fone: (83) 3341-1008 - Campina Grande - PB

JOÃO PESSOA - PB --- FONE: (83) 3247-5970

NATAL - RN --- FONE: (84) 3642-1236

site: www.tabuadecarne.com.br

*Para criar no aluno o hábito da leitura,
o melhor artifício é oferecer-lhe um cordel.*

CORDELARIA POETA MANOEL MONTEIRO

Dispõe de um variado sortimento de cordéis.

Envia para todo Brasil, sob pedido.

Rua Vigário Virgínio, 52 - Santo Antonio

CEP 58103-340 - Campina Grande - PB

FONE/FAX: (83) 3341-6536 - E-mail: montvat@hotmail.com



GRÁFICA

MARTINS

(83) 3322-5647

graficamartins.cg@hotmail.com

✦ *Talões Fiscais, Adesivos, Brindes,
✦ Panfletos e Fotos Coloridas, etc.*

Rua Padre Ibiapina, 130 - Centro

CEP: 58101-560 - Campina Grande - PB

(Antigo Beco do Açúcar)





BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).